

PMS	BRIN
BIPUL	
Jornal	Gazeta Mercantil
Data	18/09/00
Edição	Grande Bahia E
Seção	
Assunto	Centro Histórico (Pelourinho)

ARTE

Centro histórico exhibe força da expressão popular

Pelas ruas estreitas do Pelourinho e da Ladeira do Carmo, entre outros pontos de atração turística, telas de inegável beleza, de artistas desconhecidos, reinterpretam Salvador

Eduardo Bastos
de Salvador

Local estratégico para venda de lembranças da Bahia, o Centro Histórico de Salvador é cenário de galerias e ateliês de arte sempre bem visíveis ao olhar do turista. Ali proliferam telas de 'naif' retratando paisagens da Bahia, esculturas de orixás e adereços artísticos diversos tematizados sobretudo na cultura afro-baiana. Simples e despretensiosos, amparados numa proposta de arte popular, estes espaços configuram-se num negócio modesto mas equilibrado, cujas projeções oscilam de acordo com as estações do turismo.

A Ladeira do Carmo é um dos pontos do Centro Histórico mais bem servidos de galerias e ateliês. É onde se encontram, por exemplo, a Galeria Pelô Arte, de Jorge Pitas, e o Atelier Afrikan Art, da veterana artista plástica Lena da Bahia e seu filho Carlos Simões Sobrinho, o Cal, também artista e restaurador. Ali o visitante pode encontrar quadros de grande valor artístico a preços mui-

tas vezes aquém da sua qualidade. Principalmente se sua intenção for pura e simplesmente levar uma bela lembrança da Bahia, ao invés de investir na grife de um artista plástico famoso. No lugar de nomes como Carybé, Carlos Bastos e Floriano Teixeira, as telas ali levam a assinatura de Edivaldo Assis, Calixto Sales, Davi Nascimento, Raimundo Santos (o Bida), Sá Cortes e Santos Silva, entre outros pintores.

Mais estratégica ainda é onde situa-se a galeria Big Axé, do folclórico Carlos Pereira, popularmente conhecido como Big. A porta de sua loja, na Rua Gregório de Matos, 36, é passagem inevitável de artistas, astros da música pop, diretores de cinema consagrados, políticos e personalidades nacionais e estrangeiras e todo tipo de celebridades que circulam pelo Pelourinho. Esperto e sabedor informal de técnicas de marketing pessoal, Big não perde uma oportunidade de ser fotografado ao lado destes notáveis visitantes e guardar a "reliquia" em sua loja. "Tenho

fotos com Michael Jackson, Spike Lee, Billy Paul, Jessie Jackson, Jimmy Cliff, Alpha Blondy e Ziggy Marley", vangloria-se, citando só os nomes mais "pesados".

QUADROS E ESCULTURAS

Numa destas visitas ilustres, Big acaba vendendo um ou outro objeto artístico de sua Big Axé - quadros 'naif' e esculturas de metal e de madeira de orixás e de temática afro-baiana -, ou, quando nada, entrega uma lembrancinha de presente. Na lista de artistas e personalidades que já adquiriram trabalhos em sua loja constam, segundo ele, os atores Norton Nascimento, Chica Xavier, Denis Carvalho, Marco Nanini e Isabel Fillardis e o presidente do banco Opportunity, Daniel Dantas. Entre os contemplados com presentes está o primeiro-ministro português Mário Soares.

Os preços dos objetos artísticos da Big Axé partem de R\$ 5 e raramente ultrapassam R\$ 1 mil. Na Galeria Pelô Arte sobem um pouco mais. Quadros de Davi Nascimento, Edivaldo Assis, Sá Cortes e Santos Silva - os únicos com quem o galerista

de há algumas que possuem quadros até no teto. Acho bem melhor trabalhar com menos quadros", diz ele.

Seu acervo possui 50% de quadros adquiridos de artistas e 50% de quadros dos próprios artistas, que os coloca à venda na galeria cedendo ao proprietário cerca de 30% do valor da venda. Os trabalhos que têm mais saída são os do impressionista Edivaldo Assis, que já foram adquiridos por personalidades como o prefeito Antonio Imbassahy, o jurista Josaphat Marinho e os jogadores Vampeta e Bebeto.

EXPOSIÇÕES FORA

Através de sua galeria, Jorge Pitas costuma receber convites para realizar exposições em outros estados e no exterior. "Os artistas têm de estar na vitrine, porque toda hora surge oportunidade de viajar para a Europa", diz ele. No ano passado quadros da Pelô Arte foram expostos em cidades de Portugal. E Pitas tem convites para expor em Goiás e Brasília.

Já a artista plástica Lena da Bahia, de 63 anos, prefere vender seus próprios quadros no Atelier Afrikan



FOTO: JOÃO ALVAREZ

Pitas: "Artistas têm de estar na vitrine, toda hora surge oportunidade"

exterior e vieram para cá, atraídos pelo axé da Bahia", diz ela. "Já os estrangeiros geralmente não vêm só uma vez: 30% acabam voltando todo ano, apaixonados pelo Carnaval e pelo jeito de ser do baiano".

BAIXOS PREÇOS

Em contrapartida, os galeristas do Pelô não costumam receber muito a visita dos nativos da Bahia. "Em

A concorrência, segundo a artista, fez com que o valor dos quadros caísse substancialmente. "A invasão de pintores causou um nivelamento por baixo. O que o turista quer, com algumas exceções, é comprar barato. Se vir um quadro com qualidade do Pelourinho e, mais adiante, vir um menor e mais barato, mas que também retrata o Pelourinho, vai acabar optando pelo segundo. O que ele quer é levar uma lembrança da Bahia".

FOTO: JOÃO ALVAREZ

artista plástica Lena da Bahia e seu filho Carlos Simões Sobrinho, o Cal, também artista e restaurador. Ali o visitante pode encontrar quadros de grande valor artístico a preços mui-

culam pelo Pelourinho. Esperto e sabedor informal de técnicas de marketing pessoal, Big não perde uma oportunidade de ser fotografado ao lado destes notáveis visitantes e guardar a "reliquia" em sua loja. "Tenho

FOTO: JOÃO ALVAREZ



Atelier African Art vende os quadros da artista plástica Lena da Bahia

tuguês Mário Soares.

Os preços dos objetos artísticos da Big Axé partem de R\$ 5 e raramente ultrapassam R\$ 1 mil. Na Galeria Pelô Arte sobem um pouco mais. Quadros de Davi Nascimento, Edivaldo Assis, Sá Cortes e Santos Silva - os únicos com quem o galerista Jorge Pitas trabalha atualmente - são comercializados por valores que variam de R\$ 30 a R\$ 2,3 mil. Mas ele já chegou a vender um quadro do artista Almir Barros por R\$ 4,3 mil, que adquiriu na mão de particular a R\$ 1,6 mil.

Ex-construtor de telas e ex-garçom do empresário Norberto Odebrecht, Pitas começou o negócio de galerista há três anos em sociedade com a cubana Aeda Bueno. Hoje ele toca a Pelô Arte sozinho e busca um diferencial em relação às galerias da área. "Procuro manter uma galeria diferente das outras do Centro Histórico, on-

oportunidade de viajar para a Europa", diz ele. No ano passado quadros da Pelô Arte foram expostos em cidades de Portugal. E Pitas têm convites para expor em Goiás e Brasília.

Já a artista plástica Lena da Bahia, de 63 anos, prefere vender seus próprios quadros no Atelier Afrikan Art. Ex-proprietária da loja de artesanato Arte Lena, no Shopping Iguaçu, ela possui o espaço há seis anos, onde trabalha com o filho Cal e vários outros familiares artistas, além de amigos. "Um atelier é mais independente que uma galeria. Aqui cada um faz sua tela, põe seu preço e pronto", diferencia ela.

Assim como na Galeria Pelô Arte, os turistas estrangeiros são os principais clientes do atelier de Lena, além dos visitantes dos estados do Sudeste/Sul do país. "Depois que o dólar subiu, os brasileiros do sul do país passaram a viajar menos para o

do ano, apaixonados pelo Carnaval e pelo jeito de ser do baiano".

BAIXOS PREÇOS

Em contrapartida, os galeristas do Pelô não costumam receber muito a visita dos nativos da Bahia. "Em Salvador, a arte ainda é pequena", queixa-se Pitas. "As pessoas da alta sociedade só vêm aqui às vezes, preferem procurar artistas renomados como Carybé".

Por sua vez, Lena da Bahia queixa-se da concorrência no próprio nicho onde trabalha. "No Pelourinho, quando tinha a tal da inflação e o dólar valia muito, vendíamos por bons preços. Mas agora há dois fatos: o primeiro é que o dinheiro mudou, o segundo é que o Pelourinho sofreu uma invasão de pintores - digo pintores, e não artistas. Estes são só 10% e são os mesmos de sempre".

por baixo. O que o turista quer, com algumas exceções, é comprar barato. Se vir um quadro com qualidade do Pelourinho e, mais adiante, vir um menor e mais barato, mas que também retrata o Pelourinho, vai acabar optando pelo segundo. O que ele quer é levar uma lembrança da Bahia".

Para Jorge Pitas e Lena da Bahia, a alta estação é o período de ouro para os negócios, justamente por causa do grande fluxo de turistas que visitam o Centro Histórico. No Verão do ano passado, entre os meses de dezembro a fevereiro, Pitas diz ter faturado cerca de R\$ 9 mil com a venda de quadros.

Já para Big Axé, não existe tempo ruim. "Turismo é uma indústria sem chaminé", filosofa. "Se não é alta estação, temos sempre congressos como o da Abav, que trazem turistas a Salvador, e a gente vende o ano inteiro. Não posso me queixar". ■